VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO AMBIENTE DE TRABALHO: A MULHER COMO AGRESSORA

PATINI, Camila[1]; DIAS, Ester; TONDATTO, Gabriel; CORREA, Marcela; RESENDE, Maria Luiza; SOUSA, Nicolas, NOGUEIRA, Samara

[1]Graduação, Psicologia, Centro Universitário Fundação Santo André,

[2]Professor Mestre Celso Ramos de Oliveira, Centro Universitário Fundação Santo André, celso.ramos@fsa.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir que embora a violência no ambiente de trabalho seja predominantemente perpetrada por homens, também pode ser praticada por mulheres em cargos superiores aos das vítimas. Foi realizado através do Google Forms uma pesquisa para levantamento de informações a respeito do tema abordado. Também foi realizada uma visita no Instituto Viva Maria localizado em Mauá/SP, para conhecer o local e as funcionalidades das ações em prol da

mulher. Verificou-se que as mulheres são mais frequentemente vítimas de assédio moral no ambiente de trabalho em comparação aos homens, e que embora sintam-se incomodadas e desconfortáveis, não procuram ajuda profissional atingindo diretamente o seu psicológico. O intuito é investigar as razões por trás desse comportamento e, embora haja poucas estatísticas disponíveis sobre o assunto, queremos refletir sobre como isso é um problema cultural em nosso país.

Palavras-chave: Violência. Mulher. Trabalho. Direitos.

INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo analisar o porquê da violência contra a mulher no ambiente de trabalho utilizando como arcabouço prática de pesquisa de campo. A coleta dos dados aqui apresentados foi realizada entre os meses de março e abril de 2023, em dois principais momentos, sendo o levantamento de informações através do Google Forms e a visita no Instituto Viva Maria localizado em Mauá/SP. A pesquisa de campo aponta que 82,4% das pessoas entrevistadas conhecem mulheres que sofreram agressão psicológica no ambiente de trabalho por outra mulher enquanto 41,1% delas não buscou ajuda profissional. Em contrapartida, vimos a importância que o projeto Viva Maria possui e segundo a Psicóloga Vilma Maria dos Santos “Mulheres que acessam os serviços disponibilizados pelo Instituto Viva Maria podem ter maiores chances de rompimento da violência, que atualmente é de 82%.”(Informação verbal)[1]

A sociedade brasileira é marcada por uma cultura machista e patriarcal, que muitas vezes legitima a violência contra as mulheres como uma forma de controle e dominação masculina. Entretanto, a violência no ambiente de trabalho não é uma prática exclusiva dos homens, e as mulheres também podem ser abusivas com outras mulheres subordinadas. Isso pode ocorrer por uma série de razões, incluindo a competição por cargos e promoções, pressão para atingir metas e objetivos, e a internalização de normas e valores patriarcais. Além disso, algumas mulheres podem acreditar que precisam adotar comportamentos agressivos e dominantes para terem suas ordens acatadas no âmbito profissional, especialmente em cargos

[1] Comentário fornecido por Vilma Maria dos Santos no Instituto Viva Maria, em Mauá (SP), em abril de 2023.

de liderança. No entanto, é importante destacar que a violência e o assédio no ambiente de trabalho são inaceitáveis, independentemente do gênero do agressor ou da vítima.

OBJETIVOS

Considerando o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3 – Saúde e bem-estar, o objetivo deste artigo é pesquisar a ocorrência de violência contra a mulher no ambiente do trabalho causado por outra mulher na região do grande ABC trazendo reflexão às questões socioculturais em relação à mulher.

MATERIAL E MÉTODOS

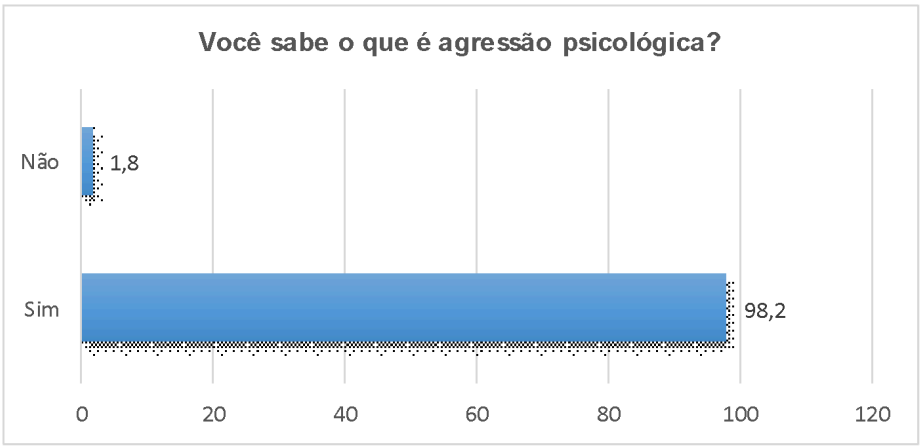
Foi realizado através do Google Forms, um questionário de múltipla escolha para levantamento de informações a respeito do tema abordado com as seguintes perguntas: Qual seu gênero? Você sabe o que é agressão psicológica? Você conhece alguma mulher que sofreu agressão psicológica no âmbito do trabalho? se sim, qual foi a sua posição em relação a isso? Qual era o cargo ou ramo de atividade da agressora? como a vítima buscou sair dessa situação? Além disso, foi realizada uma visita no Instituto Viva Maria localizado em Mauá/SP, que é uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo promover a igualdade de gênero e combater a violência contra a mulher. Eles oferecem diversos serviços, como atendimento psicológico, jurídico e social para mulheres em situação de vulnerabilidade. O Instituto Viva Maria também realiza campanhas de conscientização e capacitação para profissionais que trabalham com mulheres. O assunto abordado na visita foi sobre a violência no trabalho onde a diferença de gênero é uma pauta importante e merece sua atenção. A mulher ainda é vista como sexo frágil pela sociedade, muitas vezes machista e, por esse motivo tem sido alvo de discriminação e dificuldades para se manter em emprego e crescer profissionalmente, atingindo diretamente o seu psicológico, gerando danos e refletindo em toda sua vida. O Viva Maria possui um programa chamado SUAMM Sistema Único de Atenção à Mulher de Mauá na qual inicia-se pela divulgação e esclarecimento sobre as diversas formas de violência à mulher. Esta divulgação

ocorre em sua maioria por meio de palestras e materiais impressos. A palestra é destinada para grupos de todas as faixas etárias, pois os temas são diversos quando o assunto é violência. A mulher que se identificar com qualquer tipo de violência é encaminhada ao Viva Maria – Centro de Referência no Atendimento à Mulher em situação de violência, local em que, em um primeiro momento, lhe são prestados os serviços públicos de assistência social, apoio psicossocial, orientação jurídica e de segurança, através da Patrulha Maria da Penha e abrigamento nas casas-abrigo regional. Também lhes são facilitados, com prioridade, acesso os serviços da Rede Protetiva Viva Maria onde terá acesso à saúde, encaminhamentos às delegacias de polícia para registros de boletins de ocorrências e instauração de processo criminal contra o agressor, buscas de pertences e pedidos de medidas protetivas, bem como para a defensoria pública para questões de guarda de filhos, divórcio e outras demandas judiciais que se fizer necessário. Após sanadas as questões emergenciais, são tratados os fatores que têm mantido a mulher na situação de violência, como a dependência econômica, falta de apoio familiar, falta de moradia, dependência emocional, baixa escolaridade, baixa qualificação, dentre outros. Estes serviços também estão disponíveis na Rede Protetiva Viva Maria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

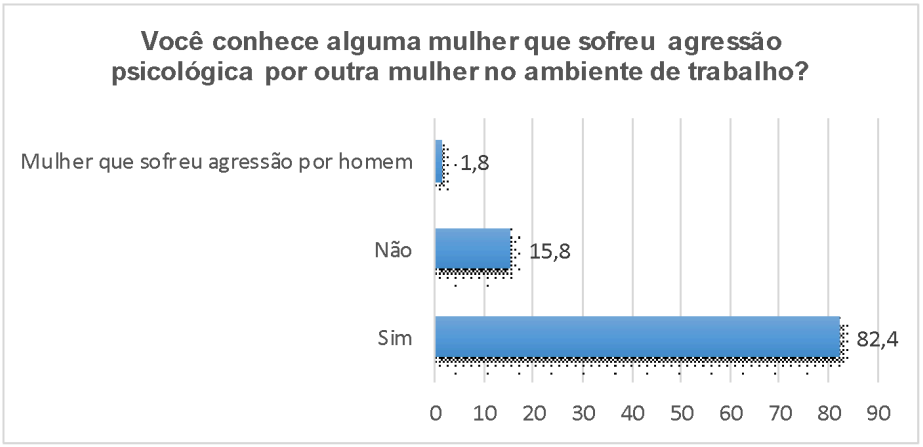
Foi realizado um questionário online que resultou em 59 respostas. A partir dessas respostas, foi possível observar e analisar através dos gráficos abaixo os dados coletados:

Gráfico 1 – Você sabe o que é agressão psicológica?



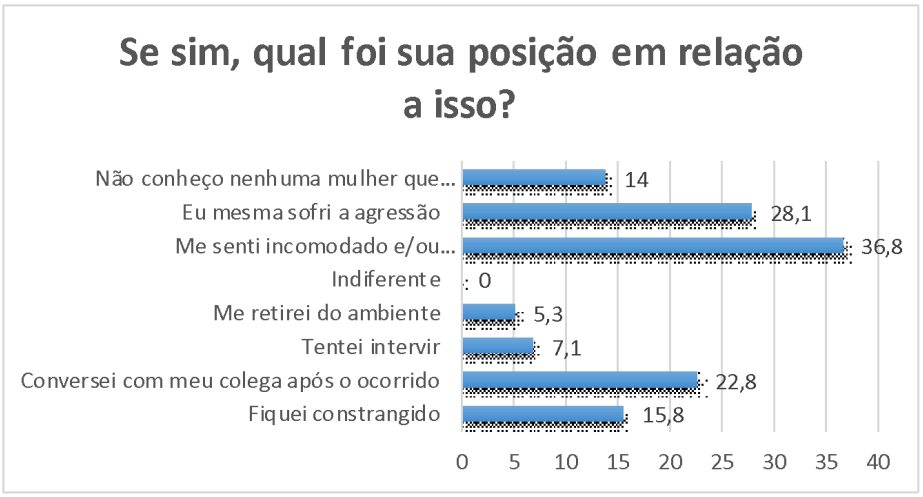
De acordo com os entrevistados (98,2%) pessoas sabem o que é agressão psicológica e as outras (1,8%) não sabem o que é agressão psicológica.

Gráfico 2 – Você conhece alguma mulher que sofreu agressão psicológica por outra mulher no ambiente de trabalho?



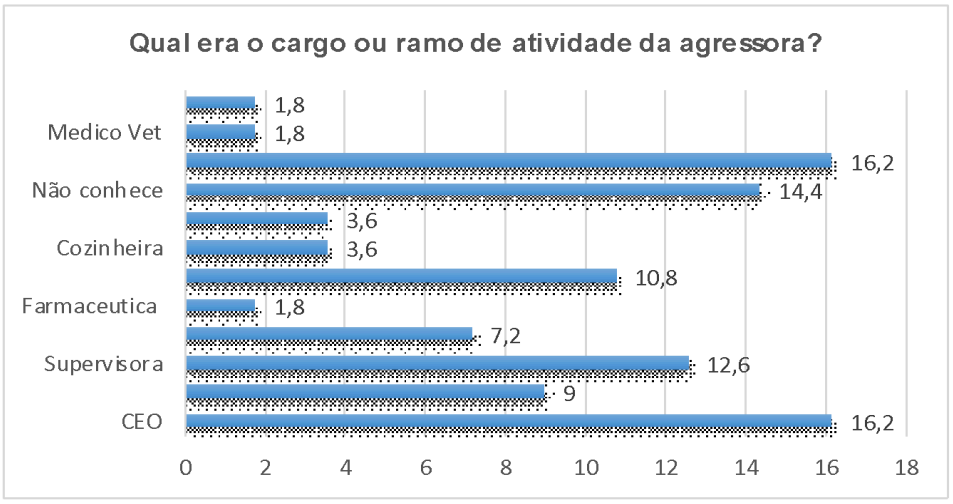
O gráfico aponta que (82,4%) das pessoas conhecem mulheres que sofreram agressão psicológica por outra mulher; (15,8%) das pessoas não conhecem mulheres que sofreram agressão psicológica por outra mulher e por fim, (1,8%) das pessoas conhecem mulheres que sofreram agressão psicológica por um homem.

Gráfico 3 - Se sim, qual foi sua posição em relação a isso?



De acordo com os entrevistados, (36,8%) aponta que as pessoas se sentiram incomodados e desconfortáveis ao presenciarem a agressão psicológica contra a mulher no ambiente de trabalho (15,8%) se sentiu constrangido e (28,1%) foram as próprias pessoas que contribuíram com o questionário que sofreu a agressão, dentre estes (7,1%) tentou intervir buscando ajuda psicológica ou judicial, (5,3%) apenas se retiraram do ambiente, (14%) das pessoas não conhecem nenhuma mulher que tenha sofrido violência psicológica por outra mulher no âmbito do trabalho e (0%) se sentiu indiferente com a situação.

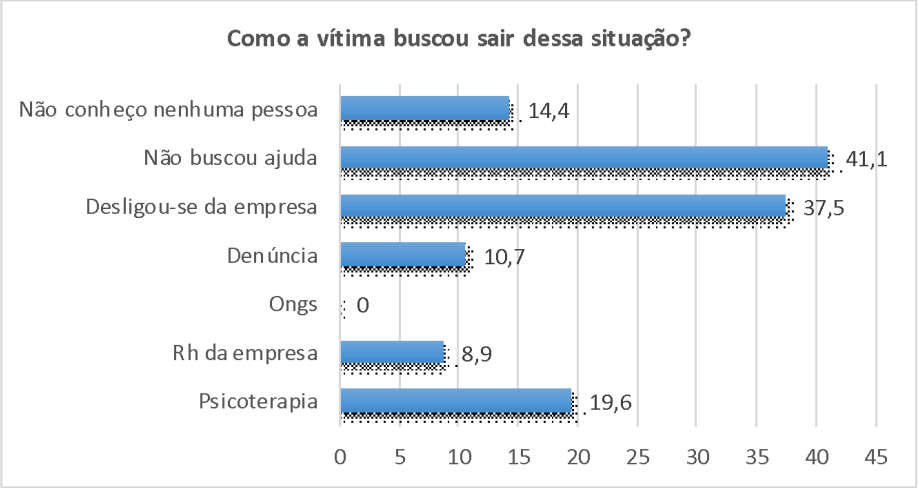
Gráfico 4 – Qual era o cargo ou ramo de atividade da agressora?



O gráfico aponta que (16,2%) das agressoras possui o cargo corporativo de CEO, (16,2%) possui o cargo administrativo, (12,6%) possui o cargo de supervisão, (10,8%) possui o cargo de administrador, (9%) possui o cargo de coordenação, (7,2%) possui o cargo de gerência, (3,6%) possui o cargo de cozinheira (3,6%) é

professor, (1,8%) é médico veterinário, (1,8%) é costureira e, por fim, (14,4%) não conheceu nenhuma mulher agressora no âmbito do trabalho.

Gráfico 5 – Como a vítima buscou sair dessa situação?



De acordo com os entrevistados, (41,1%) das vítimas não buscou ajuda profissional, (37,5%) das vítimas desligaram-se da empresa, (19,6%) buscou ajuda com psicoterapia; (10,7%) denunciou em órgãos competentes; (8,9%) buscou ajuda do Rh da empresa; (0%) buscou ajuda em ongs e, por fim, (14,4%) não conhece nenhuma mulher que sofreu violência psicológica no trabalho.

Buscar compreender as situações no ambiente de trabalho e como acontecem as relações interpessoais é uma tarefa que exige subsídios que privilegiam o diálogo como fonte de informação. A pesquisa realizada aponta que o tema “agressão no ambiente de trabalho” é bastante difundido e sua ocorrência pode ser praticada tanto por agressores homens quanto mulheres. Os resultados obtidos demonstram que as mulheres são mais frequentemente vítimas de assédio moral no ambiente de trabalho em comparação aos homens, e que embora sintam-se incomodadas e desconfortáveis, não procuram ajuda profissional e uma minoria denunciam a agressão ao Rh da empresa. A violência psicológica sempre foi uma realidade vivenciada pelas mulheres, vindo a afetar a sua multidimensionalidade. É invisível deixando marcas profundas ocasionadas por sua frequência, e em forma trivial com qual é tratada, causando uma desestruturação da sua identidade individual. Por isto precisamos falar sobre a violência psicológica, visto ser um problema de saúde pública, de difícil identificação, principalmente para a mulher que a sofre, trazendo implicações negativas, onde algumas de suas consequências podem ser revertidas,

mas outras, infelizmente, não. De acordo com dados da Pesquisa Agência Patrícia Galvão, 76% das mulheres trabalhadoras relatam terem sido vítimas de violência e assédio no trabalho. O apoio social é um dispositivo de ajuda que exerce um aspecto de acolhimento contra situações de estresse, mas nem sempre é praticado por quem presencia o ato, devido a presença do medo de sofrer consequências ou até mesmo servir de testemunha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível verificar que o assédio moral no trabalho é uma forma de violência psicológica que ocorre quando uma conduta abusiva é repetida e sistemática, expondo trabalhadores a situações constrangedoras e humilhantes, afetando sua liberdade, dignidade e direitos pessoais. A violência contra a mulher é um problema cultural por estar enraizada em normas e valores sociais que perpetuam a desigualdade de gênero e a inferiorização da mulher. Infelizmente, em razão de nossa cultura patriarcal e machista as mulheres são vítimas mais frequentes de várias formas de violência no trabalho, que incluem, mas não se limitam a como discriminação de gênero, assédio sexual e perseguição psicológica ou moral que atingem as trabalhadoras em geral, mas de forma especial as que são mais vulneráveis. Por falta de informação e também devido à naturalização das práticas violentas no trabalho, o constrangimento e o assédio são invisibilizados, silenciados ou reconhecidos apenas em situações extremas de violação da lei. No ambiente de trabalho, é importante a divulgação de campanhas educativas que contribuam para a desconstrução da cultura de assédio e combate à violência, não permitindo que comportamentos tóxicos sigam se perpetuando. “Estereótipos são construídos culturalmente. Portanto, podem e devem ser desconstruídos. Reconhecer o papel exercido, ajuda a enfrentar todos os problemas, e o autoconhecimento nos leva a lugares extraordinários de liberdade e autoconfiança. Viver sem violência não é um privilégio, é um direito inegociável. ” (Informação verbal).[2]

[2] Comentário fornecido por Vilma Maria dos Santos no Instituto Viva Maria, em Mauá (SP), em abril de 2023.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PATRICIA GALVÃO, de 07 de dezembro de 2020. Pesquisa 76% das mulheres sofrem agressão psicológica no trabalho. Disponível em: < https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/pesquisa-revela-76-das-mulheres-ja-sofreram-violencia-e-assedio-no-trabalho/> Acesso em: 21 mar. 2023.

MPT – Ministério Público do Trabalho, de 22 de abril de 2022. Cartilha sobre violência contra a mulher no mercado de trabalho. Disponível em: <https://mpt.mp.br/pgt/publicacoes/cartilhas/o-abc-da-violencia-contra-a-mulher-no-trabalho/@@display-file/arquivo_pdf>. [3]Acesso em: 21 mar. 2023.

3